

Valor, Sexta 29-10-04

Overdose de realpolitik

Colunista José Eli da Veiga



**JOSÉ ELI
DA VEIGA**

Um partido de esquerda que chegue ao governo em qualquer sociedade democrática rapidamente escandaliza parte de seus eleitores ao assumir posições que contrariam princípios fundadores e a própria história. Por mais triste que possa ser tal constatação, não se encontrará sequer um exemplo histórico que não a confirme. Até partidos da esquerda europeia, eleitos com amplas maiorias parlamentares, foram levados a fazer chocantes opções direitistas, que deixaram absolutamente perplexos muitos segmentos de seus alicerces sociais.

Não se poderia esperar, então, que a vitória do PT em 2002 pudesse contrariar essa tendência. Foi uma vitória ambivalente, com minoria parlamentar e sem qualquer vitória expressiva no âmbito estadual. Pior: o principal derrotado foi o PSDB, partido que em outras circunstâncias históricas certamente deveria lhe dar a maior ajuda. Eram, pois, inevitáveis, e perfeitamente previsíveis, muitas guinadas à direita. Mas nada levava a supor que elas seriam tão numerosas e radicais, como as que despencaram nos últimos dias.

Primeiro houve o grotesco episódio estrelado pelo publicitário Duda Mendonça, em parceria com um vereador do PT carioca. Teria sido menos relevante se a questão se resumisse ao ilícito que praticaram, com as subseqüentes punições previstas em lei e em estatutos partidários. Mas não. Bem mais assustadoras foram as reações dos dirigentes petistas, que tentaram desqualificar as críticas. O senador Aloizio Mercadante, por exemplo, fez questão de minimizar o crime, alegando que "todo artista tem suas excentricidades". Uma reação que levou o jornalista Marcos Sá Corrêa a dizer, com razão, que "a leviandade ambiental do governo Lula virou caso de polícia". Em artigo publicado no "Estado de S. Paulo" de ontem (28/10), Sá Corrêa mostra a semelhança entre a visão dos responsáveis petistas sobre a briga de galos e a atitude do governo em caso de impacto ambiental bem maior e irreversível: a fraude no processo de licenciamento da usina Barra Grande, construída no rio Pelotas, que vai inundar 5.435 hectares de florestas primárias de araucária e campos naturais.

Outro episódio caricato dos últimos dias foi a estrepitosa defesa do varguismo feita pelo economista Carlos Lessa, presidente do BNDES, sob o consentido silêncio dos dirigentes do PT. Nem vale a pena comentar o destempero verbal que o levou a chamar de vândalos os que repudiam a Era Vargas. Apenas lembrar que um dos mais ferrenhos opositores do legado varguista é o atual presidente da República. "A gente costuma contar uma história que o Castello Branco contratou técnicos americanos para estudar a estrutura sindical e amarrar ainda mais o trabalhador. A comissão sigilosa trabalhou três meses e concluiu que nada era mais perfeito para amarrar o trabalhador que essa estrutura sindical criada pelo Getúlio." Palavras que Lula dirigiu a Leonel Brizola em arranca-rabo minuciosamente descrito por Ricardo Kotscho, quando era repórter do "Jornal da República" em reportagem que acaba de ser reproduzida no delicioso livro "O Sapo e o Príncipe", de Paulo Markun (Objetiva, 2004).

**É espantoso que o lucro dos exportadores do
agronegócio seja mais importante para dirigentes
petistas do que o futuro do planeta**

O terceiro fato que merece registro não pode ser considerado grotesco ou caricato. Muito pelo contrário, é o mais assustador. Confirma-se que a cúpula do governo Lula torce mesmo para que George W. Bush ganhe a eleição americana. E os motivos são óbvios. Dois ministros, o da

Agricultura e o do Desenvolvimento, Roberto Rodrigues e Luiz Fernando Furlan, que são líderes patronais do agronegócio, avisaram que uma eventual vitória do candidato democrata John Kerry aumentará o protecionismo que já prejudica a expansão do comércio exterior do Brasil. E não há dúvida de que os republicanos sempre foram mais favoráveis que os democratas ao desmonte do padrão protetor da política agrícola criada no New Deal. Exemplos bem atuais estão na matéria de Cristiano Romero, publicada no Valor de anteontem (27/10), e amplas descrições históricas podem ser encontradas no livro "Metamorfoses da Política Agrícola dos Estados Unidos" (Fapesp/Annablume, 1994).

Todavia, para a esquerda, a questão colocada pelas atuais eleições americanas não é a de saber qual dos dois candidatos à presidência do Império terá mais propensão a fazer concessões aos exportadores brasileiros. Inúmeras outras questões incomparavelmente mais importantes para os destinos da humanidade estão no centro desse embate. A começar pela defesa do multilateralismo das relações internacionais, tema que coloca o ministro José Dirceu, por exemplo, à direita de todo o Itamaraty e do próprio chanceler Celso Amorim. Mas há coisa muito mais importante em jogo. O povo americano transformou essa eleição numa espécie de referendo sobre a guerra do Iraque. E o governo Bush tratou com escárnio todo o progresso internacional realizado durante as duas últimas décadas do século passado no tocante à prudência ambiental. É por essas e outras razões que sua eventual derrota passou a ser tão fundamental. É espantoso que o possível aumento de lucros em segmentos exportadores do agronegócio seja considerado mais importante pelos dirigentes petistas do que assuntos tão cruciais para o futuro da humanidade e do planeta.

Foi profundamente equivocada a suposição dos vários cientistas políticos brasileiros de que o Partido dos Trabalhadores se manteria no apostolado da sociedade civil, em vez de mergulhar na disputa da política real. A trajetória de sucesso desse partido, a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e particularmente os fatos concretos que marcaram o transformismo da direção petista durante a primeira metade de seu mandato, tudo isso mostra que os principais quadros daqueles grupos de esquerda que se reuniram no dia 10 de fevereiro de 1980 no paulistano Colégio Sion, eram muito mais propensos ao pragmatismo do que qualquer sociólogo poderia ter imaginado. Estão progressivamente adotando uma realpolitik de causar frio na espinha.

Entre a briga de galo e o apoio a Bush, passando pelo resgate do varguismo, pouco sobra das posturas éticas presentes naquela roda de bar, na qual o jornalista Júlio de Grammont, o ilustrador Hélio Vargas e o sacerdote Frei Betto criaram a estrela vermelha e branca.